



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA - UEPB
PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUC. A DIST. – PROEAD
FILOSOFIA – PARFOR / CAPES / UEPB
POLO GUARABIRA**

**Relatório final de estágio supervisionado de filosofia
O professor como mediador do debate filosófico em sala de aula**

ANDERSON DE ALMEIDA BRANDÃO

**GUARABIRA – PB
ABRIL DE 2017**

ANDERSON DE ALMEIDA BRANDÃO

**Relatório final de estágio supervisionado de filosofia
O professor como mediador do debate filosófico em sala de aula**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Relatório), apresentado como Conclusão do Curso de Filosofia (**PARFOR / CAPES / UEPB**), da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Campus III – Polo Guarabira – PB, sob a orientação do professor Prof. Ms. Janduí Evangelista de Oliveira.

**GUARABIRA – PB
ABRIL DE 2017**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

B234r Brandão, Anderson de Almeida

Relatório final de estágio supervisionado de filosofia:
O professor como mediador do debate filosófico em sala de aula
/ Anderson de Almeida Brandão. – Guarabira: UEPB, 2017.

56 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia)
– Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Me. Janduí Evangelista de Oliveira”.

1. Ensino de Filosofia. 2. Relato de Experiência. 3.
Estágio Supervisionado. I. Título.

22.ed. CDD 100

ANDERSON DE ALMEIDA BRANDÃO

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE FILOSOFIA:
O professor como mediador do debate filosófico em sala de aula**

Relatório de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia-PARFOR da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovada em 29/ 04/2017

BANCA EXAMINADORA

Janduí Evangelista de Oliveira

**Prof. Ms. Janduí Evangelista de Oliveira - UEPB/CH/PARFOR
(Orientador)**

Fernando Monteiro

**Prof. Ms. Fernando Monteiro – UEPB/PARFOR
(Examinador)**

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

**Profª Ms.Mônica de Fátima Guedes de Oliveira UEPB/PARFOR
(Examinadora)**

**GUARABIRA – PB
ABRIL DE 2017**

AGRADECIMENTOS

A Deus, que até aqui tem demonstrado Seu grande amor para comigo, através de suas bênçãos maravilhosas nesta longa caminhada aqui na terra.

A minha filha, Marina, que é um berço de ternura e amor.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram e apoiaram para que eu atingisse este objetivo de vida, bem como pela educação moral, e aos meus irmãos, por me proporcionarem a alegria.

Aos parentes e amigos, que contribuíram de forma direta e indireta ao longo desta jornada.

A minha esposa Dayana Melo de Almeida, por estar ao meu lado, me incentivado e me dando forças para conclusão deste relatório.

Ao meu Orientador, professor Ms. Janduí Evangelista de Oliveira a quem muito admiro como pessoa e como profissional.

RESUMO

O Estágio é entendido como eixo articulador da produção do conhecimento em todo o processo de desenvolvimento do currículo do curso. Baseia-se no princípio metodológico de que o desenvolvimento de competências profissionais implica “pôr em uso” conhecimentos adquiridos, quer na vida acadêmica, quer na vida profissional e pessoal. O presente relatório de Estágio Supervisionado II em Filosofia descreve em seu conteúdo os eventos e atividades relacionadas às experiências vividas durante o período de observação que aconteceu no Liceu Paraibano. E faz também uma abordagem teórico-filosófica acerca da importância do ensino de filosofia para a formação do cidadão. Este trabalho tem o objetivo de relatar a experiência vivenciada no campo de estágio de uma escola da rede pública do Estado da Paraíba. Utilizando-se de recursos como a observação, entrevistas escritas e orais e diálogos informais. Ele é resultado do trabalho desenvolvido no Componente Curricular Estágio Supervisionado I e Estágio Supervisionado II em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, durante o primeiro semestre de 2016, que objetivou a descrição e caracterização da escola e a observação e análise de aulas de filosofia em turmas do ensino médio, tendo como referencial teórico de análise Lorieri (2002), Pimenta e Lima (2004), Sônia Campaner (2012), Lídia Maria Rodrigo (2014) e Antônio Joaquim Severino (2002). Contudo o estágio contribuiu na formação essencial para métodos educativos, centrados nas experiências vividas. Através das observações e entrevistas realizadas, verificamos que a disciplina filosofia no ensino médio, na prática, ainda se encontra muito distante das expectativas teóricas e das determinações programáticas curriculares do MEC (2006).

Palavras-chave: Ensino de filosofia. Relato de experiência. Estágio supervisionado.

ABSTRACT

The Internship is understood as the articulating axis of knowledge production throughout the course curriculum development process. It is based on the methodological principle that the development of professional skills implies "putting into use" acquired knowledge, both in academic life and in professional and personal life. This report of Supervised Stage II in Philosophy describes in its content the events and activities related to the experiences lived during the observation period that happened in the Paraíba High School. It also makes a theoretical-philosophical approach to the importance of teaching philosophy to the formation of the citizen. This work has the objective of reporting the experience lived in the field of training of a school in the public network of the State of Paraíba. Using resources such as observation, written and oral interviews, and informal dialogues. It is a result of the work developed in the Curricular Component Supervised Internship I and Supervised Internship II in Philosophy of the State University of Paraíba, during the first semester of 2016, that aimed at the description and characterization of the school and the observation and analysis of philosophy classes in classes (2002), Pimenta and Lima (2004), Sônia Campaner (2012), Lídia Maria Rodrigo (2014) and Antônio Joaquim Severino (2002). However the internship contributed to the essential training for educational methods, centered on the lived experiences. Through the observations and interviews carried out, we verified that the philosophy discipline in high school, in practice, is still very far from the theoretical expectations and the curricular programmatic determinations of the MEC (2006).

Keywords: Teaching philosophy. Experience report. Supervised internship.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO PEDAGÓGICO	10
2.1	IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR.....	12
2.2	ESTRUTURA FUNCIONA DA ESCOLA.....	12
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
4	REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	28
6	REFERÊNCIAS	30
7	ANEXOS	31

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular constitui um momento de aquisição e aprimoramento de conhecimentos e de habilidades essenciais ao exercício profissional, que tem como função integrar teoria e prática. Trata-se de uma experiência com dimensões formadora e sócio-política, que proporciona ao estudante a participação em situações reais de vida e de trabalho, consolida a sua profissionalização e explora as competências básicas indispensáveis para uma formação profissional ética e corresponsável pelo desenvolvimento humano e pela melhoria da qualidade de vida.

Durante o primeiro semestre de 2016, no Componente Curricular Estágio Supervisionado em Filosofia, do Curso de Filosofia da UEPB, recebemos orientação para o trabalho de campo, numa perspectiva de estágio como pesquisa, buscando a superação da fragmentação entre teoria e prática. Buscamos, portanto, a fundamentação no texto de Pimenta e Lima (2004, p. 43). E acerca dessa perspectiva, as autoras afirmam que:

[...] no estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional.

Desta forma, essa etapa do estágio supervisionado em filosofia, objetivou a inserção do estagiário na escola, buscando entender o seu funcionamento e coletando dados e, principalmente, a observação de aulas na disciplina filosofia em turmas do Ensino Médio.

Apesar de ser um registro parcial de apenas um ambiente educativo da esfera pública, este trabalho ofereceu ao menos um indicativo dos rumos recentes que tem tomado a educação, principalmente na disciplina de filosofia, em nossas escolas.

Dentre outros aspectos, analisamos a constituição estrutural da escola em questão, seus recursos e meios disponibilizados para a realização do ensino e a situação (formação e situação funcional) do profissional da educação responsável pela disciplina Filosofia.

É importante ressaltar que os dados obtidos no trabalho de campo foram coletados durante um período aproximado de quatro semanas. Para isso, utilizamos

a observação do espaço físico da escola e do seu funcionamento, seguindo um roteiro preestabelecido pelo orientador do estágio supervisionado. Além disso, aplicamos um questionário com perguntas objetivas junto ao professor responsável pela disciplina de filosofia com o objetivo de obter informações sobre sua formação acadêmica, experiência profissional e dificuldades que o mesmo enfrenta no processo de ensino-aprendizagem da filosofia. Também tivemos acesso direto aos documentos oficiais da escola, disponibilizados por coordenadores e outros funcionários responsáveis, onde coletamos dados sobre o número de turmas e de alunos, relação de funcionários e professores e suas respectivas situações funcionais. Entretanto, não dispensamos o recurso informal de obtenção de dados, como conversas informais nos corredores da escola, diálogos furtivos e extraoficiais com alunos e funcionários da escola.

No Estágio Supervisionado II buscamos ainda contemplar as aulas ministradas pelo professor da disciplina de Filosofia atribuindo aos escritos e observações um tema que seria base para o trabalho, no caso, o tema pensado foi baseado no professor como mediador do debate filosófico na sala de aula.

Quanto à observação em sala de aula, buscamos verificar os seguintes aspectos: conteúdos, metodologia utilizada, recursos didáticos, forma de avaliação, relação entre professor e alunos, entre outros aspectos.

Por fim, o Estágio Supervisionado III foi colocado em prática as aulas planejadas e pontuadas nos temas da Filosofia para favorecer o aluno e situa-lo do tamanho da importância de sua participação no processo de ensino- aprendizagem.

2 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO PEDAGÓGICO

A Escola Estadual Lyceu Paraibano foi fundada em 1836. A elite paraibana já não suportava mais deixar a própria terra para concluir seus estudos em Olinda, Recife, Salvador ou mesmo no Rio de Janeiro e São Paulo. Na época, a Parahyba do Norte parecia andar na contramão do ensino. Mas a força propulsora dessa elite já dava sinais de uma verdadeira mudança no sistema de ensino local.

Assim, aos poucos, foram dados os primeiros passos no exercício do ensino secundário. Corria o ano de 1831 quando nasceu a ideia. Cinco anos depois, através da Lei N 11, de 24 de março, foi criado o Lyceu Paraibano, depois que a Assembleia Provincial assumiu a incumbência de agrupar as cadeiras inicialmente criadas, dando-lhes direção única e estabelecendo normas para um melhor funcionamento.

A história do "Lyceu Paraibano", no passado um colégio de humanidades onde padres-mestres concentravam os ensinamentos em latim e em filosofia, fascina até hoje centenas de pessoas. Já em 1839 – três anos após a sua fundação – o Liceu Paraibano complementara as cadeiras criadas anteriormente. O Inglês passou a fazer parte da grade curricular. Mais tarde, as cadeiras de Gramática da Língua Nacional e do Comércio. Dez anos depois, com a sua primeira reforma, o colégio já disponibilizara disciplinas como Álgebra, Aritmética, Filosofia Racional, Francês, Geografia, História, Latim, Moral, Poética, Retórica e Trigonometria. Em 1850, Desenho. Naqueles tempos, muito mais do que nos dias atuais, ser aluno da mais tradicional e mais conceituada escola pública da Paraíba era uma honra. O colégio foi por mais de um século a matriz intelectual da Paraíba, na expressão do professor da UFPB José Rafael de Menezes, que publicou em 1983 a obra: *História do Liceu Paraibano*. O prédio atual, na Avenida Getúlio Vargas, Centro da Capital, foi inaugurado em 1937, pelo governador Argemiro de Figueiredo.

No Lyceu surgiram líderes estudantis que se tornariam grandes homens públicos da Paraíba. O economista Celso Furtado, o presidente João Pessoa, o ambientalista Lauro Pires Xavier e o poeta Augusto dos Anjos podem ser considerados os mais notáveis nomes do Liceu Paraibano. Celso Furtado foi o mais fecundo, o mais internacional dos paraibanos, um cidadão do mundo. Sua obra no campo da economia muito contribuiu e contribuirá ainda para melhor entendermos a política socioeconômica na América Latina e no mundo. Idealizador e primeiro

superintendente da SUDENE, Celso Furtado, nascido em Pombal, é, para muitos, o paraibano do século. Furtado foi aluno no início da década de 30, mesma época em que frequentou os bancos do Liceu o jornalista Ascendino Leite, hoje com cerca de 100 anos. A cantora Elba Ramalho também foi aluna do Lyceu.

Foi através do padre-mestre José Antônio da Silva Lopes que o Conselho Geral da Província tomou conhecimento aos 19 de dezembro de 1832 de um projeto criando o Liceu Paraibano. Uma dezena de padres-mestres foi responsável pela evolução administrativa da escola, que começou com o padre João do Rego Moura e perdurou até monsenhor Odilon Coutinho.

Em épocas passadas, no Império e na República Velha praticamente todos os homens públicos na Paraíba marcaram presença no Lyceu Parahybano, como alunos, professores, ou diretores. Alguns se tornariam presidentes do Estado, o primeiro deles foi Antônio Alfredo da Gama e Melo, que governou a Paraíba de 1896 a 1900. Sólon Barbosa de Lucena foi diretor do Lyceu por mais de uma vez, e presidente da Paraíba. Álvaro de Carvalho, que também dirigiu o colégio oficial, governou o Estado, entre 26 de julho e 4 de outubro de 1930. Era o vice do presidente João Pessoa, assassinado no Recife naquele 26 de julho. Álvaro de Carvalho foi liderança intelectual no Lyceu como professor de Línguas, crítico literário, ensaísta.

No ano de 1873, trinta e sete anos após sua criação, o Lyceu passa a ter exames válidos para os cursos superiores do país, privilégio estabelecido pelo decreto imperial nº 5.429, de 2 de outubro daquele ano. Com a validação dos exames preparatórios o Lyceu passa a receber alunos dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e Pernambuco.

Os exames preparatórios sempre foram rigorosos. Para se ter uma ideia, entre 1894 e 1907, apenas dois alunos concluíram o curso no Lyceu. Em 1892 o Governo realiza modificações curriculares. As cadeiras de Retórica e Filosofia são substituídas por Física e Biologia. O presidente da Paraíba, Álvaro Lopes Machado, em 1895, organiza os gabinetes de Física e Química, com equipamentos importados da Europa. Em 1906 o ex-aluno do Lyceu.

Quanto aos professores, esses tinham capacidade intelectual, eram excelentes educadores. No passado, os professores do Lyceu eram médicos, jornalistas, farmacêuticos, filósofos, historiadores, advogados, dentre outros homens

de letras. Era uma universidade provinciana, na expressão do autor de "História do Lyceu Paraibano".

2.1 IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR

A escola Lyceu Paraibano, localizada na Av. Pres. Getúlio Vargas - Centro, João Pessoa – PB, fundada em 1836, pela Lei Nº 11, de 24 de março, da rede pública estadual que serviu para nosso campo de estágio faz parte da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba e é localizada no centro da cidade de João Pessoa- PB. A escola, que faz parte da 1ª Gerência Educacional de Ensino, conta com um espaço amplo, salas e departamentos bem situados e facilmente localizados por inscrições nas portas.

2.2 ESTRUTURA FÍSICA E FUNCIONAL DA ESCOLA

Na parte de estruturação física as instalações aparentam bom estado de conservação, apesar também de podermos notar, em alguns espaços, pinturas gastas dos prédios, salas com problemas leves de infiltração. Contudo as salas de aula são bem climatizadas.

Na parte de estruturação funcional da Escola, verificamos também uma carência de funcionários, ou seja, de profissionais responsáveis para pôr em funcionamento algumas das instalações disponíveis, o que significa que há muitas estruturas disponibilizadas, porém inativas.

A maior quantidade de turmas em funcionamento está nos turnos da manhã e da tarde com exclusividade do ensino de nível médio. O turno da noite é destinado em sua maior parte para alunos com faixa etária um pouco mais elevada, trabalhadores que ainda estão tentando concluir os estudos. São no total 45 (quarenta e cinco) turmas distribuídas pela manhã, tarde e noite. Pelos documentos consultados, a faixa etária dos alunos é a partir dos quatorzes (14) anos. A média de alunos por sala em todos os turnos é de aproximadamente 50 alunos.

No quadro dos docentes, a escola conta tanto com profissionais contratados (temporários) quanto com efetivos. Em relação à disciplina Filosofia, constatamos a existência de 03 (três) professores que são responsáveis por cobrir

todos os turnos da escola, ou seja, dois professores de filosofia para tomar conta de 45 (quarenta e cinco) turmas do ensino médio.

Em relação à formação acadêmica dos professores de filosofia, detectamos que apenas um desses profissionais tem formação específica na área, ou seja, enquanto um é especialista em educação e graduado em filosofia, o outro tem formação em História, contrariando desta forma as *Orientações Curriculares Para O Ensino Médio* (cf. 2006, p.17) que sugere que os professores de filosofia tenham graduação na área específica.

A escola fica localizada na parte central de João Pessoa, porém, os alunos que a frequentam são, em sua maioria, provenientes da periferia e do interior, de acordo com a denominação comum, pertencem ao que poderíamos chamar de classe média baixa. Eles não chegam à escola com veículos particulares, mas dependem do transporte de ônibus específicos para o transporte de alunos, excetuando um ou outro aluno que possui seu próprio veículo, nestes casos, a moto prevalece como sendo o principal meio de locomoção.

Observamos também que os alunos não praticam atividades educativas ou de entretenimento nos intervalos, a escola somente oferece nesse momento o lanche da manhã ou da tarde. Não foram notadas brincadeiras ou correrias como muitas vezes se espera, estes alunos simplesmente se “amontoam” nos bancos e se distraem em conversas enquanto lancham na cantina ou comem alimentos que trazem de casa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Marilena Chauí, talvez uma das maiores filósofas brasileiras de todos os tempos, diz no título de sua principal obra *Convite a Filosofia*, que o conceito desta ciência (Filosofia) é difícil de ser definido. O que é mais comum, explica ela, é cometermos erros corriqueiros na hora de chegarmos ao que seria a Filosofia.

Por vezes costumamos achar que são filósofos aqueles que têm uma grande visão de mundo. A partir deste ponto de vista, definimos a Filosofia como o conjunto de ideias, valores e práticas pelos quais uma sociedade apreende e compreende o mundo e a si mesma, definindo para si o tempo e o espaço, o sagrado e o profano, o bom e o mau, o justo e o injusto, o belo e o feio. Chauí demonstra clareza ao expressar que essa definição é tão genérica e tão ampla que é capaz de fazer confundir Filosofia com religião, por exemplo. Também costumamos dizer que Filosofia é “sabedoria de vida”, como se apenas os experientes ou os superdotados pudessem exercitá-la. Sendo assim, ser sábio nem sempre é ser filósofo. O conceito é mais uma vez vago.

Há ainda aqueles que definem a Filosofia como "um esforço racional para conceber o Universo como uma totalidade ordenada e dotada de sentido". Ora, caro leitor, essa definição busca na filosofia uma explicação a respeito das coisas do universo. A Filosofia não explica coisa nenhuma. Ela, na verdade, tenta ser o caminho da busca pelo conhecimento, partindo do princípio de que não sabemos de nada. A esse respeito Lorieri (2002, p. 51):

Os conteúdos da Filosofia são temáticas que se apresentam na forma de certas perguntas e para as quais há diversas respostas [...]. Além disso, [...] faz parte dos conteúdos da Filosofia uma maneira própria de trabalhar as temáticas, as perguntas e as respostas [...].

Então, é necessário que os conteúdos da filosofia estejam intrinsecamente relacionados com a metodologia que também deve ser filosófica. No entanto, em nossas observações, percebemos que as dificuldades para se por em prática esta perspectiva teórica é muito grande, ou seja, no trabalho de campo detectamos uma realidade distante desta proposta pelo autor: o processo de observação deflagrou uma situação de prática docente estanque e pouco eficaz, onde métodos pedagógicos obsoletos se repetem e se mesclam com inovações esporádicas; além disso, os alunos ainda não têm o contato com o texto filosófico.

A filosofia ressurgiu depois de décadas com a tarefa de colaborar com a formação do cidadão e desenvolver nele a criticidade e o pensamento próprio, vejamos o que nos diz Sílvio Gallo, um dos conhecidos filósofos da educação, ao falar sobre o papel da filosofia, ele nos mostra sua importância, pois “oferece aos jovens a oportunidade de desenvolver um pensamento crítico e autônomo. Em outras palavras, a Filosofia permite experimentar um pensar por si mesmo” (GALLO, 2003, p. 56).

Assim cumprindo, o que seria determinado para os alunos do Ensino Médio pela LDB que diz que ao concluir o Ensino Médio o jovem deve ter conhecimentos que sejam capazes de lhes possibilitarem “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual, e o pensamento crítico” (LDB, art. 35. Lei nº. 9.394/1996). Embora como o próprio Gallo comente na obra *Filosofia no ensino médio*:

[...] temas, problemas e proposta. Quando tratamos do tema do ensino da filosofia na educação média, somos sempre chamados a justificar sua razão [...] tem sido lugar comum justificar a presença da filosofia no ensino médio por dois vieses [...] para garantir o desenvolvimento da criticidade do estudante [...] para garantir uma interlocução entre as diversas disciplinas (GALLO, 2003, p. 19).

Para satisfazer ao pragmatismo presente na educação brasileira e em seus parâmetros esses dois vieses parecem ser suficientes. No entanto, podemos observar ainda na mesma obra Gallo dizer: “penso que essas duas justificativas tomadas em conjunto, são complicadas e, mesmo perigosas” (*Loc. cit.*).

Observando que a criticidade possivelmente não é exclusividade da filosofia e, portanto, não pode ser o argumento que justifique seu retorno para o ensino médio, embora seja evidente que a crítica é uma das principais características da filosofia. Portanto, esses vieses são aceitáveis enquanto justificativas legais, mas devem ser refletidas por professores e alunos se, de fato, correspondem ao papel e a importância da filosofia para a formação do cidadão. Gallo ainda levanta outro problema ao lembrar que a Lei nº 9.394/96 (LDB) tenta instrumentalizar a filosofia com o fim de estabelecer a cidadania. Ele argumenta que “instrumentalizá-la numa política educacional pode significar, pois, sua própria morte” (GALLO, 2003, p.20). Como poderíamos então justificar a presença da filosofia no ensino médio? Em resposta a isso, temos:

[...]‘pela própria caracterização desse nível de ensino’, pois: sabemos que o ensino médio é conhecido como a etapa terminal da formação abrangente do educando. Ora podemos falar em três grandes áreas do conhecimento humano, fundamentais em todo processo educativo, constituído pelas ciências, pelas artes e pelas filosofias (GALLO, *loc. cit.*).

Aqui Gallo cita ainda o pensamento de dois grandes filósofos: Gilles Deleuze e Félix Guattari em *O que é a filosofia?* no qual afirmam que “arte, ciência e filosofia são as três potências do pensamento à medida que permitem o exercício da criatividade”(DELEUZE;GUATTARI *apud* GALLO, 2003, p.20).

Como podemos observar somente uma educação que enfatize essas três potências do conhecimento é capaz de permitir experiências distintas de pensamento criativo, pois só assim teremos condições de fugir do nosso currículo de ensino médio absolutamente científico. Precisamos fugir do conteudismo e do ensino instrumentalizado. Os jovens estudantes do ensino médio precisam conhecer e manter equilíbrio entre os conhecimentos científicos, aprendendo a pensar por meio de suas funções, da arte, por meio da percepção e afetividades e da filosofia, por seus conceitos. Uma vez que possamos oferecer a oportunidade aos estudantes de conhecer essas três potências do saber e desenvolver um equilíbrio entre elas significa proporcionar-lhe talvez a única oportunidade de encontro com essas experiências. “Daí a importância da presença da filosofia no ensino médio, ela se constitui numa experiência singular de pensamento” (GALLO, 2003, p.21).

Podemos perceber que embora Gallo afirme que as justificativas para o ensino de filosofia como previstas pela Lei sejam perigosas, pois parecem querer instrumentalizá-la - o que seria a própria morte da filosofia- não reprovam a valorização da filosofia na formação do cidadão. O que ele tenta ao fazer algumas críticas é mostrar que quanto a isto a filosofia não é um instrumento de formação, mas uma área do conhecimento humano produzido para juntamente com os conhecimentos das ciências e das artes possibilitar experiências singulares de pensamento criativo. Pois o ensino da filosofia tem seu papel importante enquanto criadora de conceitos, vejamos: assim, o conceito não deve ser procurado, pois não está aí para ser encontrado.

O conceito não é uma ‘entidade metafísica’ ou um ‘operador lógico’, ou uma ‘representação mental’. O conceito é um dispositivo, uma ferramenta, algo que opera no âmbito mesmo dessas condições. O conceito é um dispositivo que faz pensar, que permite, de novo, pensar. O que significa dizer que o conceito não indica, não aponta

uma suposta verdade, o que paralisaria o pensamento; ao contrário, o conceito é justamente aquilo que nos põe a pensar. Se o conceito é o produto, ele é também produtor: produtor de novos pensamentos, produtor de novos conceitos; e, sobretudo, produtor de acontecimentos, na medida em que é o conceito que recorta o acontecimento, que o torna possível (GALLO, 2003, p.51-52).

Assim na defesa de um ensino de filosofia voltado para a formação de conceitos Gallo acredita que poderá essa mesma filosofia, de maneira efetiva, contribuir para a formação do cidadão.

4 REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Além da coleta de dados para a caracterização geral da escola, no trabalho de campo foram observadas vinte (20) aulas em turmas que variavam desde o primeiro ao terceiro ano do ensino médio. O professor responsável pelo turno da manhã, o qual nos deu permissão para acompanhar suas aulas, é professor efetivo e leciona a disciplina filosofia nesta escola desde 2013. Ele tem 05 (cinco) anos de experiência em docência. Tem formação em Filosofia e é pós-graduado em Filosofia, sendo que toda a sua formação foi concluída em instituições reconhecidas da Paraíba.

Este mesmo professor nos confessou, em depoimento, que suas maiores dificuldades para dar aulas de filosofia, residiam no fato de nunca encontrar estruturas materiais auxiliares disponíveis para as aulas e sempre esbarrar no pouco tempo destinado para esta matéria como empecilho para o progresso e a boa consecução da mesma.

Nesta escola, o professor não segue fielmente, por opção e liberdade dada pela coordenação, a programação de assuntos determinados para a disciplina e que são cobrados no vestibular. Vez ou outra, ele foge do que se chama “ensino da história da filosofia” e tenta discutir filosoficamente temas da atualidade. Como, por exemplo, aconteceu em uma das aulas observadas, onde o professor trouxe o tema da legalização da união civil homoafetiva para a sala e tentou estabelecer um debate sobre as implicações éticas, políticas e culturais.

Não havia ainda, até o momento do trabalho de campo, um livro didático adotado. O professor, porém, possuía um que utilizava para elaborar suas aulas, mas os alunos dependiam de cópias xerocadas de textos que também são ainda um problema.

O tempo de aula vai assim se encurtando, apesar de cinquenta minutos ser aparentemente extenso, porém sabemos que esta questão se relativiza quando se coloca quarenta alunos numa sala e se cobra o aprendizado de todos. O tamanho das turmas dificultou repetidas vezes os debates por conta do barulho, obrigando o professor a pausar a aula sempre que necessário. Entretanto, a situação, às vezes, tornava-se ainda mais aguda quando duas turmas eram misturadas, por sugestão da coordenação e consentimento do professor, quando o assunto de uma e de outra

coincidiam, para que os mesmos não fiquem com aula vaga por conta da falta de algum professor.

Com relação ao recurso didático, o professor se restringia simplesmente a utilizar o quadro e o pincel ou giz assiduamente. A rotina em todas as turmas resumia-se a entrar calado na sala e ir direto para o quadro copiar rapidamente o assunto para ter tempo de explicá-lo com meia hora de aula logo após. A chamada era feita por lista de frequência e mesmo assim o tempo final para explicação do assunto girava, em média, em torno de vinte minutos, o que radicalmente passava a impressão de que as aulas de filosofia eram enfadonhas e descartáveis, sem tanta importância quanto às outras. Além do que, praticamente não havia leitura de texto de espécie alguma, com exceção dos resumos escritos no quadro.

Há exceções, mas a grande parte dos alunos apresentam dificuldades na compreensão dos conteúdos trabalhados na disciplina de Filosofia: não a entendem, não compreendem sua função social e não manifestam muito interesse pelos conteúdos trabalhados, assim como fazem com outras matérias. Isso pôde ser constatado pelo comportamento em sala dos alunos em relação à matéria. Foi notado que, por várias vezes, os alunos preferiam dedicar-se a atividades de matérias consideradas mais difíceis, abrindo os cadernos destas matérias alheias a disciplina filosofia no momento da aula ou se entregavam a qualquer outro tipo de distração. Sem contar que deste comportamento e de suas expressões faciais em sala, fica bem declarado em seus rostos e ações certa perplexidade, mesmo nos alunos mais dedicados, daí a procedência das afirmações acima. Aparentemente, não é uma situação tão óbvia, mas à medida que se estenderam os dias de contato, a rotina, isso foi sendo notado na nossa pesquisa.

O comportamento em sala de aula é trivial, agem comumente como é esperado em qualquer escola pública com turmas de adolescentes. Não foram notados problemas realmente sérios de disciplina. Os alunos esperam o professor na sala, não fazem tanto tumulto na entrada ou na saída. E isso se repete em todas as turmas observadas nos turnos da manhã, tarde e noite.

Não obstante todas estas barreiras desfavoráveis ao ensino, as turmas tinham uma relação amistosa com o professor que conseguia amenizar com desenvoltura e simpatia as dificuldades para ministrar as aulas. Surpreendentemente, é interessante notar que as consequências desta boa relação entre aluno e professor são mais frutíferas do que se imagina, pois é através dela

que muitos alunos nem se quer notam as dificuldades ou, se notam, não parecem tão incomodados, e conseguiam até despertar a curiosidade para outros temas.

As aulas observadas no Estágio II se baseiam na seguinte questão: *Para que filosofia na Educação?*

No início foi discutido sobre a postura refletida no agir educacional. Ela não tem o papel de julgar, mas de fazer críticas construtivas e não somente de fazer a crítica pela crítica. A crítica implica na ampliação do conhecimento, fazendo com que o educador reflita, para que possa fortalecer-se mais em sua concepção. Além disso, quem critica também precisa ser criticado.

A postura refletida da filosofia contribuiu para uma reflexão. Assim, é possível estudar cada teoria, a partir do seu interior, desde sua concepção.

Existem conflitos na área educacional, pela falta de concordância de ideias, fazendo com que os profissionais busquem outras ciências para estabelecer superioridade em relação à visão do outro. Esses conflitos fazem com que, para cada paradigma defendido, seja preciso explicar-se, para assim adquirir conhecimento.

Na tese seguinte, os alunos debateram sobre a ideologia, que é a concepção de uma ideia que o indivíduo segue mesmo não pertencendo ao seu padrão de vida. Foi dado o exemplo de um menino pobre da favela: mesmo sobrevivendo com uma renda muito baixa, ele quer ter um tênis de R\$ 300,00. Isso não ajudaria a melhorar sua vida, assim não é o melhor para ele, mas em sua concepção é algo importante.

A filosofia nos mostra que temos que ter a capacidade de compreender quando nossa visão é diferente da do outro. Sendo assim, as ideias propostas pelo nosso paradigma muitas vezes não farão sentido em paradigmas diferentes. Por isso, devemos compreender que, entre os paradigmas, deve haver uma compreensão, possibilitando assim alguma forma de cooperação. Portanto, a “desresponsabilização” é causada por uma escolha irracional, que não demonstra uma preocupação com as questões inerentes ao ato de educar. Por isso, devemos pensar melhor sobre o nosso agir, fazendo o uso de uma postura refletida em todos os momentos.

O estágio III foi marcado por dois momentos: o primeiro em que elaboramos um projeto de intervenção escolar, onde abordamos debates sobre temas filosóficos com o *Projeto Café Filosófico na Escola*, em que trabalhamos

alguns temas transversais e atuais da sociedade como a reforma do Ensino Médio e as medidas que o governo atual estão tomando para reduzir os gastos, como o *Projeto de Emenda Constitucional 241* que posteriormente se tornou a *PEC 55* e o segundo momento em relação à parte prática do Estágio supervisionado onde ministramos seis aulas experimentais a respeito dos conteúdos planejados anteriormente.

As aulas práticas ocorreram no dia 14 de Novembro de 2016 nas turmas 02, 03, 04, 05, 06 e 07 do turno da manhã do Liceu Paraibano.

A primeira aula prática do Estágio III teve por tema A História do pensamento filosófico: formação de mitos na cultura dos povos, com o objetivo de Analisar a formação dos mitos e sua relação com a realidade de cada povo.

O material que utilizamos foi a Reportagem da Veja: Os monstros eram de verdade. Também utilizamos algumas referências bibliográficas, como *O Poder do Mito*, J. Campbell, *Palas Athena*, *As Transformações do Mito Através do Tempo*, J. Campbell, *Cultrix*, Jung, *Vida e Obra*, Nise da Silveira, Paz e Terra.

Na primeira etapa trabalhamos com a turma a reportagem de VEJA. A tese da pesquisadora americana Adrienne Mayor faz um verdadeiro rebuliço com as origens dos mitos. O assunto, por sua própria natureza e também pela forma original como é tratado na revista, manteve o pessoal ligado. Os alunos também compararam os heróis das civilizações grega e romana com os de outros povos, entre eles os índios brasileiros.

Quer deixar a turma fascinada e boquiaberta? A receita é simples: conte uma história da mitologia. Embora trate de feitos e aventuras de um imaginário já perdido no tempo, longe do nosso dia-a-dia tecnológico, os mitos continuam a seduzir as pessoas.

Pedimos aos alunos para listar os mitos que conhecem e explicar como eles surgiram. Muitos se lembraram de figuras greco-romanas, que a mídia costuma divulgar, como o desenho animado Hércules. Solicitamos então uma pesquisa a ser realizada em bibliotecas e na Internet sobre os mitos de vários povos, incluindo os das culturas indígenas brasileiras. Fizemos uma comparação entre os mitos que os alunos citaram. Ressaltamos a figura do herói e a tentativa de explicar fatos da natureza, dois pontos quase sempre presentes nas histórias dos mais diferentes povos e épocas.

Na segunda etapa analisamos com a classe a reprodução do vaso coríntio que está na abertura da reportagem. Explicamos aos alunos que os arqueólogos e historiadores utilizam cenas pintadas nas cerâmicas greco-romanas (e nas obras de arte de outros povos) como fonte documental. Eles retiram desses materiais elementos que ajudam a compreender a história da época, sobretudo nos detalhes ligados ao cotidiano. Fizemos um exercício com a turma: que informações podem ser retiradas da cena em que Hércules combate um monstro mitológico? O tipo de arma utilizada, a vestimenta e os objetos ali representados, mostram a cultura material da época.

Na terceira etapa discutimos com os alunos como as interpretações variam de época para época e como representam o próprio modo de pensar da sociedade na qual surgem. Destacamos o ponto de vista cientificista que a sociedade moderna usa para explicar os fenômenos naturais, em oposição à forma mitológica que pode ser encontrada em sociedades do passado e mesmo em culturas atuais.

O homem interpreta o que vê a partir do que já sabe, de sua própria cultura. Assim como os reis e príncipes gregos e romanos colecionavam os fósseis imaginando que fossem restos de criaturas mitológicas, muitos colecionadores dos séculos XV e XVI guardavam como tesouro o que acreditavam ser o chifre de um unicórnio. Mais tarde, descobriu-se que se tratava da presa de um narval, um mamífero aquático que lembra um peixe-espada.

Na quarta etapa solicitamos uma pesquisa em grupos sobre o campo de estudo da paleontologia. Pedimos aos alunos que descubram as áreas do Brasil em que aparecem vestígios de animais que existiram no passado. Quais desses animais conviveram com seres humanos? E quais são muito anteriores à existência dos homens? Ressaltamos que os dinossauros nunca conviveram com seres humanos, confusão muito comum devido a desenhos animados e séries de ficção. No período pré-histórico, os homens conviveram com uma flora e uma fauna diferentes das atuais - havia animais de grande porte, como mamutes, megatérios (preguiças gigantes), tigres-dente-de-sabre e tatus-gigantes, entre outros. Em alguns sítios arqueológicos do Brasil, como os localizados no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, existem ossos de alguns desses animais, além de pinturas rupestres que os retratam. A turma refletiu sobre a forma como os povos da época retrataram esses animais.

Na segunda aula trabalhamos a Filosofia da Ciência, com o tema: *Cogito, ergo sum* (Penso, logo existo).

Tendo por objetivo possibilitar uma aproximação com a máxima de René Descartes *cogito, ergo sum* (Penso, logo existo) ou, mais simplesmente, com o conceito de cogito e reconhecer a importância fundamental que esse conceito ganhou na teoria do conhecimento e, por extensão, na história da filosofia.

O primeiro passo foi tornar-se familiarizado com a expressão cartesiana e com seu significado corrente. Para isso, consultamos o *Dicionário Houaiss*, da língua portuguesa. Num segundo momento, fizemos a leitura do *Discurso do método*, especialmente do Livro 4. A edição da Escala Educacional, com tradução de Ciro Mioranza, de 2006, traz um suplemento de atividades elucidativo. Um texto sobre Descartes e sobre o *cogito* que pode ser encontrado no texto um personagem para demonstrar a autonomia do pensamento.

Discutimos o que cada estudante entende pela expressão *Cogito, ergo sum* ou, mais simplesmente, *cogito*. Comparamos os sentidos que o senso comum atribui a essa expressão e contextualizamos o conceito no cartesianismo na história da filosofia. Localizamos e fizemos a leitura do trecho (4) do *Discurso do Método* e das *Meditações* (12, 6), em que o conceito do *cogito* aparece em seu contexto filosófico, como decorrência de um percurso do pensamento. Comparamos os sentidos que o senso comum atribui à expressão *cogito, ergo sum* com aquele que se depreende da leitura sistemática do texto cartesiano.

Como atividade os alunos elaboraram um pequeno folheto didático de filosofia, transcrevendo as informações de várias fontes sobre o significado do *cogito*, bem como transcrevendo os trechos principais em que esse termo ocorre na obra cartesiana. Os textos foram acompanhados de um pequeno comentário.

Na terceira aula, o conteúdo foi de Filosofia Política, e trabalhamos com o *Contrato Social* de Jean-Jacques Rousseau. Familiarizamos com um dos mais importantes conceitos da filosofia política: o conceito de pacto social ou contrato social. Conhecemos o texto de Jean-Jacques Rousseau em que esse conceito é formulado. Refletimos sobre a importância da ideia de pacto social para a filosofia política.

Como ponto de partida observamos vários textos introdutórios relacionados à obra de Rousseau e ao contrato social que podem servir como ponto de partida para a atividade. Uma sugestão é o livro *Filosofia* de Marilena Chauí, da

Série Novo Ensino Médio, ed. Ática, no capítulo 27, que concerne às filosofias políticas.

Para a leitura do texto do filósofo, uma das edições que foram consultadas é a da série Filosofar da editora Escala Educacional, Introduzimos os conceitos de direito natural e pacto social como fundadores do poder político. Fizemos a leitura do capítulo 6 de *O Contrato Social*, de Jean-Jacques Rousseau. Analisamos o texto, com ênfase na noção de corpo político.

Como atividade, realizamos um seminário sobre Rousseau. Dividimos a classe em grupos de quatro e cinco alunos. Cada um desses grupos elaboraram uma mini-aula para expor essa mesma passagem da obra de Rousseau.

A avaliação levou em conta alguns itens: compreensão do texto e fidelidade ao pensamento de Rousseau, capacidade de transmitir essas informações aos colegas, criatividade e organização na exposição e no uso de recursos didáticos.

Na quarta aula, trabalhamos com o tema da Filosofia Ética. Fazendo a relação de seus principais conceitos com o conhecimento humano. Como objetivos, discutimos as relações entre conhecimento e ética. Observação! Antes de iniciar os trabalhos, falamos sobre a vida e o pensamento de Sócrates e Foucault, dois grandes filósofos que procuraram viver de modo coerente com aquilo que defendiam. Pedimos aos alunos que lessem o texto Teoria do conhecimento - conhece-te a ti mesmo. Depois, pedimos que discutissem em duplas e anotassem os resultados da discussão sobre as seguintes questões:

- a) Qual a relação entre o preceito socrático do "conhece-te a ti mesmo" e o cuidado de si?
- b) Qual a relação entre conhecimento de si e verdade?
- c) Como você interpreta a frase: "deixar de cuidar das coisas e passar a cuidar de si mesmos"?
- d) Você acha que a ciência deveria se preocupar com algo além da simples produção e acumulação de conhecimentos?
- e) Você acha que é possível aplicar o preceito socrático do cuidado de si na atualidade?

Pedimos aos alunos que lessem o seguinte texto de Michel Foucault e, a seguir, discutimos algumas questões como a diferença que o autor estabelece entre filosofia e espiritualidade, a preocupação da filosofia em relação ao acesso à

verdade e a preocupação da espiritualidade e se concorda com a posição de Foucault e acha que o acesso à verdade deveria ser algo capaz de modificar as pessoas.

Chamemos de "filosofia", se quisermos, esta forma de pensamento que se interroga, não certamente sobre o que é verdadeiro e sobre o que é falso, mas sobre o que faz com que haja e possa haver verdadeiro e falso, sobre o que nos torna possível ou não separar o verdadeiro do falso. Chamemos "filosofia" a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e limites do acesso do sujeito à verdade. Pois bem, se a isto chamarmos "filosofia", creio que poderíamos chamar de "espiritualidade" o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade. [...] A espiritualidade postula que o sujeito enquanto tal não tem direito, não possui capacidade de ter acesso à verdade. Postula que a verdade jamais é dada ao sujeito por um simples ato de conhecimento [...]. Postula a necessidade de que o sujeito se modifique, se transforme, se desloque, torne-se, em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo, para ter direito ao acesso à verdade (FOUCAULT, 2004, pp.19-20).

Na quinta aula foi tratado o tema estética em torno de seu conceito de modernidade. E discutimos o conceito de modernidade e suas relações com a moda e a arte moderna; além de trabalhar as habilidades cognitivas de interpretação e análise de texto. Iniciamos pela leitura de um texto sobre [Estética](#) (cf. VARES, [s.d.], sem paginação). Após a leitura do texto, aplicamos a seguinte atividade: você é a(o) filósofa(o) muitas vezes, frases metafóricas traduzem melhor que textos discursivos o sentido do que se quer dizer. Mas, por outro lado, permitem maior liberdade de interpretação e, às vezes, até contrárias ao que o autor pretendia. Para evitar confusões, é sempre bom buscar analisá-las dentro do contexto em que surgiram. Nesse sentido, escrevemos como se interpreta o significado das seguintes frases:

- a) "Tudo o que é sólido se desmancha no ar" (Karl Marx);
- b) "A modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável" (Charles Baudelaire);
- c) "O belo é constituído por um elemento eterno [...] e de um elemento relativo, circunstancial, que será, se quisermos, sucessiva ou combinadamente, a época, a moda, a paixão" (Charles Baudelaire).

Posteriormente pedimos aos alunos que compusessem uma pequena redação (ou poema para quem preferir) em que fossem relacionados os seguintes termos: modernidade, moda, efêmero, arte, eterno. Depois, os alunos que quiseram leram suas produções para classe.

Na sexta aula, o tema foi sobre teoria do conhecimento, em que trabalhamos as habilidades de interpretação de texto e síntese de ideias e também as habilidades de raciocínio e formação de conceitos.

Pedimos aos alunos que lesse o texto A dialética dos contrários, de Izabel Bellini Zielinsky. Depois disso, eles deveriam grifar a frase que sintetiza as ideias de cada parágrafo. Depois realizaram um resumo do texto a partir das ideias principais por eles selecionadas.

Heráclito é o primeiro filósofo a propor que a luta no interior das próprias coisas é a causa da constante mudança da realidade. Essa forma de conceber a realidade é chamada de dialética e foi adotada por filósofos como Hegel e Marx.

Pedimos aos alunos que lesse o texto e procurassem definir qual a diferença que a autora estabelece entre contradição e oposição. Depois pedimos que elaborassem três exemplos de oposição e três de contradição.

Em geral confundimos contradição com oposição, mas ambos são conceitos muito diferentes. Na oposição existem dois termos, cada qual dotado de suas próprias características e de sua própria existência, e que se opõem quando, por algum motivo, se encontram. Isso significa que, na oposição, podemos tomar os dois termos separadamente, entender cada um deles, entender por que se opõem se se encontrarem e, sobretudo, podemos perceber que eles existem e se conservam, quer haja ou não haja a oposição. Assim, por exemplo, poderíamos imaginar que os termos "senhor" e "escravo" são opostos, mas isto não nos impede de tomar cada um desses conceitos separadamente, verificar suas características e compreender por que se opõem. A contradição, porém, não é isto. Na contradição só existe a relação, isto é, não podemos tomar os termos antagônicos fora dessa relação. São criados por essa relação e transformados nela e por ela. Além disso, a contradição opera com uma forma muito determinada de negação, a negação interna. Ou seja, se dissermos "o caderno não é o livro", essa negação é externa, pois, além de não definir qualquer um deles pode aparecer em outras negações, visto que podemos dizer: "o caderno não é o livro, não é a pedra, não é a casa, não é o homem, etc., etc.". A negação é interna quando o que é negado é a própria realidade de um dos termos, por exemplo, quando dizemos: "A é não-A". Só há contradição quando a negação é interna e quando ela for a relação que define uma realidade que é em si mesma dividida num polo positivo e num polo negativo, polo este que é o negativo daquele positivo e de nenhum outro. Por exemplo, quando dizemos "a canoa é a não-árvore", definimos a canoa por sua negação interna, ela é a

árvore negada, suprimida como árvore pelo trabalho do canoeiro. O trabalho do canoeiro consiste em negar a árvore como uma coisa natural, transformando-a em coisa humana ou cultural, isto é, na canoa. Numa relação de contradição, portanto, os termos que se negam um ao outro só existem nessa negação. Assim o escravo é o não-senhor e o senhor é o não-escravo e só haverá escravo onde houver senhor e só haverá senhor onde houver escravo (CHAUI, 1991, pp. 36-37).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DO ESTÁGIOSUPERVISIONADO EM FILOSOFIA

As experiências vivenciadas nas etapas de observações do Estágio Supervisionado I e II em Filosofia não poderiam passar despercebidas, sem deixar lições profundas. O contato imediato com o objeto de estudo é algo que surpreende, apesar de todos nós já termos passado por salas semelhantes, porém na condição de aluno e também de professor. Voltar às salas com o olhar de quem procura compreender o processo de ensino, olhar de futuro licenciado em filosofia, faz com que a e

xperiência se torne ainda mais instigante e rica em atrativos reflexivos.

Para muitos estagiários, este pode ser o momento decisivo, onde realmente decidirão se é este tipo de profissão que pretendem seguir. Algo que é inimaginável no começo do curso.

O contato com as salas de aulas e as deficiências do ensino público podem também assustar e passar uma má impressão à primeira vista, como de fato na maioria das vezes passa. Por outro lado, pode também estimular um espírito de engajamento político, social, pedagógico e filosófico. De qualquer forma, o estágio supervisionado é sempre algo essencial em diversos sentidos.

Ademais, o que resta é um saldo positivo desta experiência. E aos que pretendem continuar na profissão, não há hora melhor para se colocar no lugar do profissional observado e tentar desenvolver projetos que ajudem a sanar as deficiências observadas. Afinal, o ponto de vista de quem observa e critica é muito mais cômodo, sem a pressão da falta de recursos, tempo, gastos, compromissos e vida particular que o professor tem que administrar para conseguir dar as aulas.

Desde já queremos deixar aqui nosso agradecimento aos funcionários desta escola onde foi realizado o estágio por permitirem que tudo fosse realizado sem transtornos ou incômodos, também por viabilizar o acesso a documentos da escola e as suas dependências físicas. E, principalmente, um agradecimento especial ao professor que nos autorizou acompanhá-lo de imediato em suas aulas após o pedido, apesar de sabermos como é difícil estar nesta posição.

Diante de tudo que vimos no discorrer desse relatório e nas observações acrescentadas do Estágio Supervisionado II e do Estágio Supervisionado III,

podemos concluir que no que diz respeito ao Ensino de Filosofia no Brasil, levando em consideração o professor como o mediador desse ensino e acima de tudo do debate filosófico em sala de aula. Muito se tem ainda a aprender tendo em vistas que a presença dessa disciplina nos currículos escolares foi muito oscilante o que causou muitos prejuízos à educação, observamos também que a filosofia no Brasil sempre se mostrou subserviente as ideologias e privada de sua criticidade inerente ao filosofar. O retorno oficial dessa disciplina aos currículos do Ensino Médio no Brasil possibilita uma nova oportunidade para que se desenvolva de forma crítica e independente firmando-se como de fato é, ou seja, pensamento atuante. Todo o trabalho apresentado mostrou-nos que o ensino de filosofia ainda é muito deficiente, mas as possibilidades estão sendo aproveitadas e a cada dia os desafios são vencidos.

Finalizamos afirmando que, o Estágio Supervisionado cumpriu com o seu objetivo que foi estabelecer um contato direto com o ambiente de trabalho docente e proporcionar ao estagiário um confronto vivo entre a teoria que é aprendida na faculdade e a realidade prática educativa de uma sala real. Além disso, possibilitou a análise, comparação e reflexão, mesmo que de um ponto de vista superficial, da situação educacional de uma escola pública do estado da Paraíba e de como se dá o ensino de filosofia nela.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível na Internet. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: 09 de mar. 2017.
- CHAUI, Marilena. **O que é Ideologia**. 34. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GALLO, S., KOHAN, W. O. (Orgs.). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, M. (Orgs.). **Filosofia do ensino de filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de Filosofia. *In: Orientações Curriculares Para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Brasília: MEC, 2006. pp.15-40.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio: diferentes concepções. *In: Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 33-57. (Coleção Docência em Formação; Série Saberes Pedagógicos).
- VARES, Sidnei Ferreira de. **Estética: uma filosofia do belo?**. Disponível na Internet. <https://revistaparametro.wordpress.com/2011/02/21/estetica-uma-filosofia-do-belo/> Acesso em 06 de mar. 2017.

ANEXOS

ANEXO I - QUESTIONÁRIO

Prezado (a) aluno (a) sou estudante de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, e estou fazendo uma pesquisa. Necessito de sua atenção para preencher este formulário. Com este questionário pretendo verificar ações e concepções do processo da relação professor – aluno. Desde já agradeço a colaboração e garanto o sigilo dos dados.

Idade: _____ Série: _____

1- Você gosta de Filosofia?

sim não às vezes

2-Como são as aulas de Filosofia?

boas normais cansativas legais

3-A Filosofia que é estudada na escola você utiliza no seu dia-dia?

sim não às vezes

4- A sua relação com o professor de Filosofia é:

Ótima Boa regular Péssima

5-Você já foi advertido ou suspenso?

sim não Não me lembro

6- A metodologia utilizada pelo seu professor de Filosofia facilita a aprendizagem dos conteúdos?

sim não às vezes

7- O professor utiliza as TIC's nas aulas?

sim não às vezes

8- Você se sente à vontade para fazer perguntas ao professor quando não entende o conteúdo?

sim não às vezes

9- Você conhece os seus direitos e deveres na escola?

sim não

10) Marque com um X as coisas que atrapalham a relação com o professor:

a) Timidez

b) Indisciplina

c) Autoritarismo do professor

d) Normas rígidas da escola

ANEXO II - OFÍCIO DE ENCAMINHAMENTO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
CURSO: FILOSOFIA/PARFOR/CAPES

OFÍCIO/UEPB/CIPE/CIRC/01/2016

Ilmo.(a): Diretor do Pólo Paraíba
Olegário Vieira

Solicitamos à direção deste estabelecimento de ensino a sua colaboração, permitindo a inserção no processo de vivência pedagógica e disponibilização de informações necessárias à realização da atividade acadêmica concernente ao componente Estágio Supervisionado I para

Anderson de Almeida Brandes

O estágio deve ser realizado na modalidade – Observação – no período entre 01/02/2016 e 31/03/2016 nas aulas de filosofia do ensino médio.

Contando com o seu apoio, agradecemos antecipadamente a atenção e valiosa colaboração dispensadas,

Saudações Acadêmicas

Antonio
Antonio Olegário F. VIEIRA
Diretor Escolar
Aut. 10.307 / Mat. 165.510-8

Alt
Prof. Supervisor – Estágio, Parfor/UEPB

Recebido
em 18/03

Guarabira, 19 de Janeiro de 2016

ANEXO III - FICHA DE FREQUÊNCIA ESTÁGIO I

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 PARFOR FILOSOFIA
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

FICHA DE FREQUÊNCIA

ALUNO(A): ANDERSON DE ALMEIDA BRANDÃO MATRÍCULA: 132310244
 CAMPO DE ESTÁGIO: LICPU PARAIBANO
 MUNICÍPIO: JOÃO PESSOA FONE: (83)3218-4209
 GESTOR(A): OLEGÁRIO VIEIRA CEL: (83)87431102

DATA	HORÁRIO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO (A) ESTAGIÁRIO(A)	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL
21/03	07:00	Observação	[Assinatura]
21/03	07:45	Observação	[Assinatura]
21/03	08:30	Observação	[Assinatura]
21/03	09:15	Observação	[Assinatura]
21/03	10:00	Observação	[Assinatura]
21/03	10:45	Observação	[Assinatura]
21/03	11:30	Observação	[Assinatura]
23/03	07:00	Observação	[Assinatura]
23/03	07:45	Observação	[Assinatura]
23/03	08:30	Observação	[Assinatura]
23/03	09:15	Observação	[Assinatura]
23/03	10:00	Observação	[Assinatura]
25/03	07:00	Observação	[Assinatura]
25/03	07:45	Observação	[Assinatura]
25/03	08:30	Observação	[Assinatura]
25/03	09:15	Observação	[Assinatura]
25/03	10:00	Observação	[Assinatura]
25/03	10:45	Observação	[Assinatura]
25/03	11:30	Observação	[Assinatura]
28/03	07:00	Observação	[Assinatura]
28/03	07:45	Observação	[Assinatura]

Antonio Olegário F. VIEIRA
 Diretor Escolar
 Mat. 165.510-8

ANEXO IV - FICHA DE FREQUÊNCIA ESTÁGIO II

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PARFOR FILOSOFIA
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

FICHA DE FREQUÊNCIA

ALUNO(A): ANDERSON DE ALMEIDA BRANCO MATRÍCULA: 12310242
CAMPO DE ESTÁGIO: LICEU PARAIBANO
MUNICÍPIO: TRÁS PESSOA FONE: (83) 3248 4209
GESTOR(A): OLEGÁRIO VIEIRA CEL: 1831987431102

DATA	HORÁRIO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO (A) ESTAGIÁRIO(A)	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL
25/07	07:00	Observações	<i>[Assinatura]</i>
25/07	07:45	Observações	<i>[Assinatura]</i>
25/07	08:30	Observações	<i>[Assinatura]</i>
25/07	09:30	Observações	<i>[Assinatura]</i>
25/07	10:15	Observações	<i>[Assinatura]</i>
25/07	11:00	Observações	<i>[Assinatura]</i>
27/07	07:00	Observações	<i>[Assinatura]</i>
27/07	07:45	Observações	<i>[Assinatura]</i>
27/07	08:30	Observações	<i>[Assinatura]</i>
27/07	09:30	Observações	<i>[Assinatura]</i>
27/07	10:15	Observações	<i>[Assinatura]</i>
27/07	11:00	Observações	<i>[Assinatura]</i>
29/07	07:00	Observações	<i>[Assinatura]</i>
29/07	07:45	Observações	<i>[Assinatura]</i>
29/07	08:30	Observações	<i>[Assinatura]</i>
29/07	09:30	Observações	<i>[Assinatura]</i>
29/07	10:15	Observações	<i>[Assinatura]</i>
29/07	11:00	Observações	<i>[Assinatura]</i>
01/08	07:00	Observações	<i>[Assinatura]</i>
01/08	07:45	Observações	<i>[Assinatura]</i>

Antonio Olegário F. VIEIRA
Diretor Escolar
Mat. 10.307 / Mat. 165.510-8

ANEXO V - FICHA DE FREQUÊNCIA ESTÁGIO III

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 PARFOR FILOSOFIA
 ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

FICHA DE FREQUÊNCIA

ALUNO(A): ANDERSON DE ALMEIDA BRANDS MATRÍCULA: 132310242
 CAMPO DE ESTÁGIO: LICENCIATURA PARAÍBAS
 MUNICÍPIO: JOÃO PESSOA FONE: (83) 3218-4209
 GESTOR(A): OLEGÁRIO VIEIRA CEL: 15398743102

DATA	HORÁRIO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO ESTAGIÁRIO	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL
07/11/2016	07:00 - 07:45	Projeto Intervencional	[Assinatura]
07/11/2016	07:45 - 08:30	Projeto Intervencional	[Assinatura]
07/11/2016	08:30 - 09:15	Projeto Intervencional	[Assinatura]
07/11/2016	09:30 - 10:15	Projeto Intervencional	[Assinatura]
07/11/2016	10:15 - 11:00	Projeto Intervencional	[Assinatura]
07/11/2016	11:00 - 11:45	Projeto Intervencional	[Assinatura]
08/11/2016	07:00 - 07:45	Projeto Intervencional	[Assinatura]
08/11/2016	07:45 - 08:30	Projeto Intervencional	[Assinatura]
08/11/2016	08:30 - 09:15	Projeto Intervencional	[Assinatura]
08/11/2016	09:30 - 10:15	Projeto Intervencional	[Assinatura]
08/11/2016	10:15 - 11:00	Projeto Intervencional	[Assinatura]
08/11/2016	11:00 - 11:45	Projeto Intervencional	[Assinatura]
14/11/2016	07:00 - 07:45	Aula Prática	[Assinatura]
14/11/2016	07:45 - 08:30	Aula Prática	[Assinatura]
14/11/2016	08:30 - 09:15	Aula Prática	[Assinatura]
14/11/2016	09:30 - 10:15	Aula Prática	[Assinatura]
14/11/2016	10:15 - 11:00	Aula Prática	[Assinatura]
14/11/2016	11:00 - 11:45	Aula Prática	[Assinatura]

ANEXO VI - PLANOS DE AULA

PLANOS DE AULA 01

Escola: Liceu Paraibano
Disciplina: Filosofia
Duração: 50 minutos
Professor: Anderson Brandão
Tema: Mito e Filosofia

OBJETIVOS

Geral:

- Trabalhar a filosofia como parte integrante do processo de maturação e adequá-la à fase de desenvolvimento do aluno, através da investigação lógica, reflexiva e de conceitos, na busca de uma mente aberta e questionadora voltada para o estudo das questões fundamentais da vida cotidiana, bem como para uma melhor compreensão da Filosofia e seus primórdios, estudando os mitos e a formação do povo grego.

Específicos:

- Observar a desenvolvimento da sociedade na época mitológica e relacionar com a sociedade nos dias atuais;
- Compreender a importância dos mitos na sociedade grega.

CONTEÚDO:

1. Filosofia, mito e senso comum;

METODOLOGIA:

Levar o aluno a compreensão dos elementos Filosóficos e mitológicos que interferem no processo social através da busca do esclarecimento dos universos que tecem a existência humana.

Igualmente, as atividades nas aulas ocorrerão conforme o tema a ser tratado exigir: a sensibilização propriamente dita.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Computador e livros.

AVALIAÇÃO:

A proposta de trabalho para os alunos e a avaliação ocorrerá no sentido de contribuir tanto para o professor, possibilitando avaliar a própria prática, como para o desenvolvimento do aluno; permitindo-lhe perceber seu próprio crescimento e sua contribuição para a coletividade. Será, portanto, de caráter diagnóstico e som ativo (em caráter de zero a dez), conforme o desempenho individual e/ou coletivo. Serão adotados como instrumentos, além da auto-avaliação:

- Apresentação dos temas (oral ou escrita) em estudo;
- Registro das aulas, conforme a necessidade.

REFERÊNCIAS:

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- _____. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **História da Filosofia**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- BUZZI, Arcângelo. **Filosofia para principiantes: a existência humana no mundo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CHÂTELET, F. **História da Filosofia: ideias e doutrinas - o século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, s/d, 8 vol.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.
- CORO I, Cassiano *et al.* **Para Filosofar**. São Paulo: Scipione, 2000.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- DURANT, Will. **A História da Filosofia**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996, Coleção Os Pensadores.
- DIRETRIZ CURRICULAR DE FILOSOFIA. Secretaria de Estado da Educação. DEPARTAMENTO DO ENSINO MODERNO. PARANÁ, Curitiba: junho, 2006.
- FOLSCHIED, Dominique; WUNEMBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO DE FILOSOFIA. DEM. Paraná: 2006.
- GARCIA, José Roberto & VELOSO, Valdecir Conceição. **Eureka: construindo cidadãos**. Florianópolis: Sophos, 2007.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulinas, volumes I, II e III, 1991.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1993.

PLANO DE AULA 02

Escola: Liceu Paraibano

Disciplina: Filosofia

Duração: 50 minutos

Professor: Anderson Brandão

Tema: Teoria do Conhecimento

OBJETIVOS

Geral:

- Trabalhar a filosofia como parte integrante do processo de maturação e adequá-la à fase de desenvolvimento do aluno, através da investigação lógica, reflexiva e de conceitos, na busca de uma mente aberta e questionadora voltada para o estudo das questões fundamentais da vida cotidiana, bem como para uma melhor compreensão do conhecimento e sua evolução histórica.

Específicos:

- Observar a desenvolvimento do conhecimento ao longo da história;
- Compreender os conceitos primeiro de conhecimento;

CONTEÚDO:

1. O problema do conhecimento
2. Filosofia e método
3. Perspectiva do conhecimento

METODOLOGIA:

Levar o aluno a compreensão dos elementos Filosóficos e mitológicos que interferem no processo social através da busca do esclarecimento dos universos que tecem a existência humana.

Igualmente, as atividades nas aulas ocorrerão conforme o tema a ser tratado exigir: a sensibilização propriamente dita.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Computador e livros.

AVALIAÇÃO:

A proposta de trabalho para os alunos e a avaliação ocorrerá no sentido de contribuir tanto para o professor, possibilitando avaliar a própria prática, como para o desenvolvimento do aluno; permitindo-lhe perceber seu próprio crescimento e sua contribuição para a coletividade. Será, portanto, de caráter diagnóstico e som ativo

(em caráter de zero a dez), conforme o desempenho individual e/ou coletivo. Serão adotados como instrumentos, além da auto-avaliação:

- Apresentação dos temas (oral ou escrita) em estudo;
- Registro das aulas, conforme a necessidade.

REFERÊNCIAS:

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- _____. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **História da Filosofia**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- BUZZI, Arcângelo. **Filosofia para principiantes: a existência humana no mundo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CHÂTELET, F. **História da Filosofia: ideias e doutrinas - o século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, s/d, 8 vol.
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.
- CORO I, Cassiano *et al.* **Para Filosofar**. São Paulo: Scipione, 2000.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- DURANT, Will. **A História da Filosofia**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996, Coleção Os Pensadores.
- DIRETRIZ CURRICULAR DE FILOSOFIA. Secretaria de Estado da Educação. DEPARTAMENTO DO ENSINO MODERNO. PARANÁ, Curitiba: junho, 2006.
- FOLSCHEID, Dominique; WUNEMBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO DE FILOSOFIA. DEM. Paraná: 2006.
- GARCIA, José Roberto & VELOSO, Valdecir Conceição. **Eureka: construindo cidadãos**. Florianópolis: Sophos, 2007.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulinas, volumes I, II e III, 1991.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1993.

PLANO DE AULA 03

Escola: Liceu Paraibano

Disciplina: Filosofia

Duração: 50 minutos

Professor: Anderson Brandão

Tema: Filosofia Ética

OBJETIVOS

Geral:

- Trabalhar a filosofia como parte integrante do processo de maturação e adequá-la à fase de desenvolvimento do aluno, através da investigação lógica, reflexiva e de conceitos, na busca de uma mente aberta e questionadora voltada para o estudo das questões fundamentais da vida cotidiana, bem como para uma melhor compreensão ética de si, do outro e do mundo.

Específicos:

- Observar o funcionamento da ética nas sociedades antigas e atuais;
- Compreender a importância da fundamentação ética para uma sociedade;

CONTEÚDO:

1. Concepções éticas;
2. Os problemas da ação ética;

METODOLOGIA:

Levar o aluno a compreensão dos elementos Filosóficos e mitológicos que interferem no processo social através da busca do esclarecimento dos universos que tecem a existência humana.

Igualmente, as atividades nas aulas ocorrerão conforme o tema a ser tratado exigir: a sensibilização propriamente dita.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Computador e livros.

AValiação:

A proposta de trabalho para os alunos e a avaliação ocorrerá no sentido de contribuir tanto para o professor, possibilitando avaliar a própria prática, como para o desenvolvimento do aluno; permitindo-lhe perceber seu próprio crescimento e sua

contribuição para a coletividade. Será, portanto, de caráter diagnóstico e som ativo (em caráter de zero a dez), conforme o desempenho individual e/ou coletivo. Serão adotados como instrumentos, além da auto-avaliação:

- Apresentação dos temas (oral ou escrita) em estudo;
- Registro das aulas, conforme a necessidade.

REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

_____. **Temas de Filosofia.** São Paulo: Moderna, 2005.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **História da Filosofia.** Lisboa: Editorial Presença, 1970.

BUZZI, Arcângelo. **Filosofia para principiantes:** a existência humana no mundo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CHÂTELET, F. **História da Filosofia:** ideias e doutrinas - o século XX. Rio de Janeiro: Zahar, s/d, 8 vol.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 1995.

CORO I, Cassiano *et al.* **Para Filosofar.** São Paulo: Scipione, 2000.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia:** Historia e Grandes Temas. São Paulo: Saraiva, 2005.

DURANT, Will. **A História da Filosofia.** Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996, Coleção Os Pensadores.

DIRETRIZ CURRICULAR DE FILOSOFIA. Secretaria de Estado da Educação. DEPARTAMENTO DO ENSINO MODERNO. PARANÁ, Curitiba: junho, 2006.

FOLSCHIED, Dominique; WUNEMBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO DE FILOSOFIA. DEM. Paraná: 2006.

GARCIA, José Roberto & VELOSO, Valdecir Conceição. **Eureka:** construindo cidadãos. Florianópolis: Sophos, 2007.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia.** São Paulo: Paulinas, volumes I, II e III, 1991.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia.** São Paulo: Cortez, 1993.

PLANO DE AULA 04

Escola: Liceu Paraibano

Disciplina: Filosofia

Duração: 50 minutos

Professor: Anderson Brandão

Tema: Filosofia Política

OBJETIVOS

Geral:

- Trabalhar a filosofia como parte integrante do processo de maturação e adequá-la à fase de desenvolvimento do aluno, através da investigação lógica, reflexiva e de conceitos, na busca de uma mente aberta e questionadora voltada para o estudo das questões fundamentais da vida cotidiana, bem como para uma melhor compreensão da Política e seus conceitos, bem como a cidadania.

Específicos:

- Observar o desenvolvimento da política na Antiguidade;
- Compreender a importância da política na formação social;

CONTEÚDO:

1. Invenção da Política/ Introdução à Política
2. Antiguidade grega e Política normativa;
3. A *ágora* e a assembleia: igualdade nas leis e no direito à palavra

METODOLOGIA:

Levar o aluno a compreensão dos elementos Filosóficos e mitológicos que interferem no processo social através da busca do esclarecimento dos universos que tecem a existência humana.

Igualmente, as atividades nas aulas ocorrerão conforme o tema a ser tratado exigir: a sensibilização propriamente dita.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Computador e livros.

AValiação:

A proposta de trabalho para os alunos e a avaliação ocorrerá no sentido de contribuir tanto para o professor, possibilitando avaliar a própria prática, como para o desenvolvimento do aluno; permitindo-lhe perceber seu próprio crescimento e sua

contribuição para a coletividade. Será, portanto, de caráter diagnóstico e som ativo (em caráter de zero a dez), conforme o desempenho individual e/ou coletivo. Serão adotados como instrumentos, além da auto-avaliação:

- Apresentação dos temas (oral ou escrita) em estudo;
- Registro das aulas, conforme a necessidade.

REFERÊNCIAS:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

_____. **Temas de Filosofia.** São Paulo: Moderna, 2005.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **História da Filosofia.** Lisboa: Editorial Presença, 1970.

BUZZI, Arcângelo. **Filosofia para principiantes:** a existência humana no mundo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CHÂTELET, F. **História da Filosofia:** ideias e doutrinas - o século XX. Rio de Janeiro: Zahar, s/d, 8 vol.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 1995.

CORO I, Cassiano *et al.* **Para Filosofar.** São Paulo: Scipione, 2000.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia:** Historia e Grandes Temas. São Paulo: Saraiva, 2005.

DURANT, Will. **A História da Filosofia.** Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996, Coleção Os Pensadores.

DIRETRIZ CURRICULAR DE FILOSOFIA. Secretaria de Estado da Educação. DEPARTAMENTO DO ENSINO MODERNO. PARANÁ, Curitiba: junho, 2006.

FOLSCHIED, Dominique; WUNEMBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO DE FILOSOFIA. DEM. Paraná: 2006.

GARCIA, José Roberto & VELOSO, Valdecir Conceição. **Eureka:** construindo cidadãos. Florianópolis: Sophos, 2007.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia.** São Paulo: Paulinas, volumes I, II e III, 1991.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia.** São Paulo: Cortez, 1993.

PLANO DE AULA 05

Escola: Liceu Paraibano

Disciplina: Filosofia

Duração: 50 minutos

Professor: Anderson Brandão

Tema: Filosofia da Ciência

OBJETIVOS

Geral:

- Trabalhar a filosofia como parte integrante do processo de maturação e adequá-la à fase de desenvolvimento do aluno, através da investigação lógica, reflexiva e de conceitos, na busca de uma mente aberta e questionadora voltada para o estudo das questões fundamentais da vida cotidiana, bem como para uma melhor compreensão do conhecimento epistemológico e suas fundamentações.

Específicos:

- Observar a desenvolvimento da Ciência e a construção de seus métodos;
- Investigar o conceito de senso comum a partir da observação da sociedade atual..

CONTEÚDO:

1. Concepções de ciência;
2. Do Senso comum e ciência
3. Pensar a ciência;

METODOLOGIA:

Levar o aluno a compreensão dos elementos Filosóficos e mitológicos que interferem no processo social através da busca do esclarecimento dos universos que tecem a existência humana.

Igualmente, as atividades nas aulas ocorrerão conforme o tema a ser tratado exigir: a sensibilização propriamente dita.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Computador e livros.

AValiação:

A proposta de trabalho para os alunos e a avaliação ocorrerá no sentido de contribuir tanto para o professor, possibilitando avaliar a própria prática, como para o desenvolvimento do aluno; permitindo-lhe perceber seu próprio crescimento e sua contribuição para a coletividade. Será, portanto, de caráter diagnóstico e som ativo (em caráter de zero a dez), conforme o desempenho individual e/ou coletivo. Serão adotados como instrumentos, além da auto-avaliação:

- Apresentação dos temas (oral ou escrita) em estudo;
- Registro das aulas, conforme a necessidade.

REFERÊNCIAS:

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- _____. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **História da Filosofia**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- BUZZI, Arcângelo. **Filosofia para principiantes: a existência humana no mundo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CHÂTELET, F. **História da Filosofia: ideias e doutrinas - o século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, s/d, 8 vol.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.
- CORO I, Cassiano *et al.* **Para Filosofar**. São Paulo: Scipione, 2000.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- DURANT, Will. **A História da Filosofia**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996, Coleção Os Pensadores.
- DIRETRIZ CURRICULAR DE FILOSOFIA. Secretaria de Estado da Educação. DEPARTAMENTO DO ENSINO MODERNO. PARANÁ, Curitiba: junho, 2006.
- FOLSCHIED, Dominique; WUNEMBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO DE FILOSOFIA. DEM. Paraná: 2006.
- GARCIA, José Roberto & VELOSO, Valdecir Conceição. **Eureka: construindo cidadãos**. Florianópolis: Sophos, 2007.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulinas, volumes I, II e III, 1991.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1993.

PLANO DE AULA 06

Escola: Liceu Paraibano

Disciplina: Filosofia

Duração: 50 minutos

Professor: Anderson Brandão

Tema: Filosofia Estética

OBJETIVOS

Geral:

- Trabalhar a filosofia como parte integrante do processo de maturação e adequá-la à fase de desenvolvimento do aluno, através da investigação lógica, reflexiva e de conceitos, na busca de uma mente aberta e questionadora voltada para o estudo das questões fundamentais da vida cotidiana, bem como para uma melhor compreensão do Belo e da arte e suas contribuições para a sociedade.

Específicos:

- Observar a desenvolvimento do conceito de beleza na sociedade;
- Relacionar o conceito de beleza na antiguidade com o atual.

CONTEÚDO:

1. Concepções de Estética
2. Pensar a Beleza;
3. A poética é mais verdadeira que a história?

METODOLOGIA:

Levar o aluno a compreensão dos elementos Filosóficos e mitológicos que interferem no processo social através da busca do esclarecimento dos universos que tecem a existência humana.

Igualmente, as atividades nas aulas ocorrerão conforme o tema a ser tratado exigir: a sensibilização propriamente dita.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Computador e livros.

AValiação:

A proposta de trabalho para os alunos e a avaliação ocorrerá no sentido de contribuir tanto para o professor, possibilitando avaliar a própria prática, como para o desenvolvimento do aluno; permitindo-lhe perceber seu próprio crescimento e sua contribuição para a coletividade. Será, portanto, de caráter diagnóstico e som ativo (em caráter de zero a dez), conforme o desempenho individual e/ou coletivo. Serão adotados como instrumentos, além da auto-avaliação:

- Apresentação dos temas (oral ou escrita) em estudo;
- Registro das aulas, conforme a necessidade.

REFERÊNCIAS:

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- _____. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **História da Filosofia**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- BUZZI, Arcângelo. **Filosofia para principiantes: a existência humana no mundo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CHÂTELET, F. **História da Filosofia: ideias e doutrinas - o século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, s/d, 8 vol.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.
- CORO I, Cassiano *et al.* **Para Filosofar**. São Paulo: Scipione, 2000.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- DURANT, Will. **A História da Filosofia**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996, Coleção Os Pensadores.
- DIRETRIZ CURRICULAR DE FILOSOFIA. Secretaria de Estado da Educação. DEPARTAMENTO DO ENSINO MODERNO. PARANÁ, Curitiba: junho, 2006.
- FOLSCHIED, Dominique; WUNEMBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO DE FILOSOFIA. DEM. Paraná: 2006.
- GARCIA, José Roberto & VELOSO, Valdecir Conceição. **Eureka: construindo cidadãos**. Florianópolis: Sophos, 2007.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulinas, volumes I, II e III, 1991.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1993.

ANEXO VI - PROJETO DE INTERVENÇÃO



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
PARFOR - PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

ANDERSON DE ALMEIDA BRANDÃO

Projeto Café Filosófico na Escola

***Tema: Política e Ética na Sociedade Atual:*
Construindo o futuro do Brasil através da conscientização
para a educação de nossos jovens**

GUARABIRA/PB
2016
INTRODUÇÃO

Desde que os gregos antigos começaram a se reunir ao redor da ágora, discutindo pequenas questões da vida cotidiana, a história do homem ocidental não foi mais a mesma. Está inaugurado o espaço público, o espaço da palavra, o espaço dos iguais. Está sinalizada a liberdade do homem que pensa, que discursa, descobrindo que o mundo mítico é repleto de magia que envolve uma nuvem de misticismo. Como fruto desta ruptura paulatina surge a maior de todas as experiências humanas: o filosofar. Esta ação que é própria do pensamento confere ao mundo sentido e oferece inúmeras contribuições para o processo de formação humana. Formação esta que também foi precedida e pensada primeiramente pelos povos gregos, ao perceber que era possível atingir o aperfeiçoamento humano através de uma Paidéia (Pedagogia grega).

A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana, que pela sua própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e a praticam [...]. Da educação, neste sentido, distingue-se a formação do homem por meio da criação de um tipo ideal intimamente coerente e claramente definido. Esta formação não é possível sem oferecer no espírito humano uma imagem do homem tal como ele deve ser (JAEGER, 1989, p.17).

Somos herdeiros dessa tradição que visa educar e projetar a humanidade a partir de nossa realidade e anseios. Logo, é preciso ter clareza que educar crianças e jovens na presença ativa do filosofar é proporcionar aos mesmos uma instigação ao desmonte de certezas, ao questionamento do instituído; permitindo-os transitarem através de reflexões e leituras de textos diversificados, instrumentalizando a crítica e ampliando a visão de mundo. Este exercício proporciona que cada um possa conquistar a sua autonomia no exercício pleno da liberdade.

O Projeto Café Filosófico e a Epistemologia Ética do Filosofar

Pensar o processo de formação do homem na perspectiva de uma metafísica é se inclinar para uma problematização filosófica merecedora de profundas reflexões: que homem e mulher queremos educar para a nossa sociedade? Esta problematização nos faz entender que toda educação é acompanhada de princípios teleológicos, ou seja, visa um fim último. No processo de ensino-aprendizagem a formação dos estudantes não consiste apenas no desenvolvimento das capacidades e habilidades intelectivas do homem e sim em cultivá-los espiritualmente para a vida social. Eis aí uma necessidade da formação do indivíduo para o exercício da cidadania, interpretando e participando das decisões políticas vigentes. Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar e ser votado, ter direitos políticos.

Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. (PINSKY, 2003, p. 10).

Ao projetarmos o Café Filosófico pensamos de imediato no estudante diante da ação do filosofar. Filosofar é:

(...) uma construção de um caminho que ajude a pessoa a pensar criticamente, criando uma estrutura cognitivo-reflexiva que lhe permita compreender a realidade em sua complexidade, aguçando-lhe o juízo, a habilidade analítica, o horizonte de compreensão e de construção de sentido ante os desafios da sociedade do mundo contemporâneo (GHEDIN, 2008, p 42).

Essa compreensão implica atribuir caráter ético-político à FILOSOFIA no espaço da escola e constitui a dimensão cultural do filosofar. Isto nos leva a redescobrir na escola a concepção de espaço público. O espaço público é o espaço de todos que é demarcado pelo valor imperativo da liberdade. E é função da escola preparar os seus estudantes para exercer a ação política, através da cidadania, como também entender as suas implicações.

Durante o Café Filosófico isto fica bem visível, pois o espaço escolar é preparado para receber a todos, e a partir desse momento se encontrarão diante de uma ética pública que deve necessariamente ser mais ampla e superior à ética

privada. O estudante consegue entender que é preciso permitir o exercício da escuta, conferindo aos outros o direito de se manifestarem, apresentar em suas opiniões contrárias ao que está sendo debatido, pois neste exato momento ao praticar o exercício da locução e da escuta nós oportunizamos e incentivamos muitos companheiros a revelarem suas idiossincrasias, mediante as considerações científicas que são expostas. A partir de então entra em cena o valor ético da alteridade, a capacidade de tolerar, valorizar o outro e as suas diferenças. Afinal, estamos educando os estudantes para o exercício da liberdade, da autonomia e do respeito.

Quando este espaço é favorecido e cultivado, todos que estão envolvidos se sentem aptos na tranquilidade inquietante do diálogo: O diálogo se dá sob duas perspectivas: os estudantes têm oportunidade de dialogar silenciosamente com a temática através dos textos que receberam para lerem casa, e no dia do evento acontece o diálogo entre os textos teóricos, a visão de cada um sobre a temática e as apreciações do convidado especial que media os conflitos. Esta qualidade reveladora do discurso e da ação vem à tona quando as pessoas estão com as outras, isto é, no simples gozo da convivência humana, e não pró ou contra as outras. Embora ninguém saiba que tipo de quem revela ao se expor na ação e na palavra, é necessário que cada um esteja disposto a correr o risco da revelação; e nem o praticante de boas ações, que precisa ocultar sua individualidade manter-se em completo anonimato, nem o criminoso que precisa esconder-se dos outros, pode correr o risco de revelar-se.

Ambos são indivíduos solitários; o primeiro é pró e o segundo é contra todos os homens; ficam, portanto, fora do âmbito do intercuro humano e são figuras politicamente marginais que, em geral, surgem no cenário histórico em épocas de corrupção, de desintegração e decadência política (ARENDR, 1991, p.193).

Ao compreender o que somos ou quem somos uma perspectiva se despona para todos nós educadores e educandos: a demanda por sentido e a responsabilidade. Após discutirmos a temática proposta os estudantes tem o prazer de se sentarem ao redor da mesa para dividir o lanche num clima de muitas alegrias. Este momento é culminante, pois cada um trouxe alguma coisa para partilhar e, junto como alimento acontece a partilha de sonhos, músicas,

lembranças escolares e muitos risos. Quando oferecemos e recebemos do outro um pouco de sua vida, nos sentimos responsáveis pela mesma vida e alimento partilhado. Esse apelo dos entes existentes no mundo exige uma resposta á solicitação do outro. Implica responsabilidade para como outro

[...] desse modo, filosofar é um compromisso de responsabilidade ética para com as outras existências do mundo. Em obediência a uma característica antropológica, o ser humano só se humaniza diante do outro, como horizonte de sua própria identidade (GHEDIN, 2008, p.51).

Com esta afirmativa Ghedin (2008) nos apresenta a principal característica fundadora do filosofar: a dimensão ética. Ao voltarmos os olhos, ouvidos e mãos para a realidade gritante emanada da exclusão e da injustiça nos convoca a buscar outros caminhos, renovar a humanidade, e esse deve ser o fim último do filosofar como atividade de pensamento e de práxis que procura partir das questões problemáticas na contemporaneidade e apontar saídas para ela.

OBJETIVO GERAL

Incentivar e promover o Ensino de Filosofia com uma nova perspectiva, visando o engrandecimento de ideias, através dos diálogos e debates com enfoque sobre a Política e Ética e estabelecendo mediações com a proposta político pedagógica de favorecimento do ensino aprendizagem de maneira espontânea e inovadora.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Tornar o estudante apto a diálogos de debates;

Incentivar o Ensino Aprendizagem dentro de transversalidades do Ensino de Filosofia;

Mobilizar a Comunidade Escolar, promovendo propostas de melhoria para a sociedade;

Favorecer o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica;

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo de FILOSOFIA é essencial. Porque não se pode pensar em nenhum homem que não seja solicitado a refletir e agir. Isso significa que todo homem tem ou deveria ter uma concepção de mundo, uma linha de conduta moral e política, e deveria atuar no sentido de manter ou modificar as maneiras de pensar e agir no seu tempo. A FILOSOFIA oferece condições teóricas para a separação da consciência ingênua e o desenvolvimento da consciência crítica. Este trabalho tem como objetivo fundamental compartilhar com a comunidade de docentes, pesquisadores de práticas de ensino em educação, professores de FILOSOFIA com os demais interessados o Projeto Café Filosófico que é desenvolvido no Liceu Paraibano pelo professor de FILOSOFIA a partir do ano de 2016. Esta experiência permite o estudante ler textos filosóficos de modo significativo, elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo, articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos de modo discursivos das ciências naturais e humanas e, o mais importante, a contextualização dos conhecimentos filosóficos tanto no plano de sua origem específica, quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica. Todas essas competências e habilidades são desenvolvidas sob a perspectiva interdisciplinar e da ética da responsabilidade para com o mundo e a humanidade. Para contemplar os possíveis resultados deste projeto utilizou-se como metodologia levantamento bibliográfico e aplicação de questionário semiestruturado e de cunho quanti-qualitativo.

Para a efetivação do Projeto Café Filosófico, usamos os seguintes procedimentos: Numa perspectiva interdisciplinar, escolhemos um tema, oferecemos aos estudantes textos científicos adaptados e que devem ser estudados a priori, indicamos um filme sobre a temática, marcamos uma data e um horário extra-aula, convidamos uma pessoa capacitada para brevemente discorrer sobre o tema, e ao som de músicas, poesias cantadas e declamadas pelos estudantes discutimos em mesas redondas algumas questões sobre o tema abordado, realizamos mini-plenário e com um saboroso lanche vivenciamos a partilha do saber, da experiência do espaço do público e da presença do outro. Também há um passo muito importante que é a avaliação do evento, e neste os promotores do projeto repousam total atenção. Assim, procuram avaliar o Café Filosófico e os alunos, instruindo-os a escrever registros apresentando sínteses dos

textos lidos. A participação, debate nas mesas redondas, mini-plenário, como também a disciplina, envolvimento dos estudantes com a proposta são critérios de avaliações. E por último, o estudante faz uma auto-avaliação escrita e envia para o coordenador do projeto. Todos os acontecimentos do Café Filosófico se encontram no arquivo da escola disponíveis em fotos, registros de produções textuais e registros das auto avaliações, servindo para o professor de material de pesquisa e busca de aperfeiçoamento da proposta.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada no Projeto foi estruturada em Pesquisa com a população sobre os que eles acham da política do Brasil; Debates em sala sobre a pesquisa feita; Planejamento da culminância; Culminância com o tema Política e Ética na Sociedade.

No 1º Bloco, foram realizadas perguntas dos alunos presentes na plateia para os convidados, onde os mesmos poderão debater as dúvidas dos alunos; no 2º Bloco, perguntas feitas entre os participantes da mesa.

No 3º Bloco foram utilizadas as redes sociais para fazer o debate de propostas. Utilizar o site que criamos: café filosófico na escola.webnode.com e também a página do facebook. Quem estiver online pode debater junto com os participantes do programa; participação em uma plenária com o Governador da Paraíba. Feedback para avaliarmos os efeitos do projeto na escola

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa experiência do Café Filosófico corramos e congradamos o trabalho da FILOSOFIA em nossa comunidade escolar, alcançando alguns objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1999) que versam sobre a disciplina FILOSOFIA: permitiu o estudante ler textos filosóficos de modo significativo, elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo, articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos de modo discursivos das ciências naturais e humanas e, o mais importante, a contextualização dos conhecimentos filosóficos tanto no plano de sua origem específica, quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade

científico-tecnológica. Ao partilharmos esta prática docente do ensino de FILOSOFIA é possível perceber que o Projeto Café Filosófico é simples, contudo uma simplicidade que produz frutos visíveis e significativos. Mas para que isso aconteça é preciso que o professor de FILOSOFIA possa estar atualizado nas leituras científicas, buscando inovar sua prática em um contínuo diálogo com a universidade e outros colegas de sua área. É preciso que a comunidade escolar, especialmente a equipe pedagógica, esteja envolvida e perceba através da prática do professor a importância deste tipo de projeto filosófico. Esperamos que a partilha desta experiência tenha sido, de fato, uma contribuição e incentivo para que outros professores, independentemente da área em que atuam possam apresentar os frutos das inovações de suas práticas docentes. Assim, cremos que estas reflexões não se encerram aqui.

REFERÊNCIAS

- JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História da cidadania**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003
- GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo, Cortez, 2008.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10º ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000.